

TÍTULO: ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE FOTOGRAFIAS: Leitura de Imagens Incluindo sua Dimensão Expressiva*

AUTORA: Miriam Paula Manini, Professora Doutora do Curso de Arquivologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Faculdade de Economia, Administração, Ciência da Informação e Documentação na Universidade de Brasília.

RESUMO: Trataremos, aqui, da Análise Documentária de imagens fotográficas. A descrição e a extração de unidades de indexação (descritores ou palavras-chave) de uma fotografia demandam regras e métodos específicos. A metodologia proposta direciona a análise para a importância da Dimensão Expressiva da imagem fotográfica. Apresentamos, também, aproximações relativas ao conteúdo genérico, ao conteúdo específico e ao significado das imagens fotográficas.

* Neste artigo se encontra a base da tese de doutorado MANINI, Miriam P. *Análise documentária de fotografias*: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. São Paulo, 2002. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP.

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE FOTOGRAFIAS: Leitura de Imagens Incluindo sua Dimensão Expressiva

“A fotógrafa havia cravado a câmera perto do carvalho, atrás da casa. ‘Prontos’, respondeu Maryna, a uns seis metros de distância, as mãos apoiadas nos ombros de Piotr. (...) Jogando para trás o seu chapéu espanhol de topo achatado (era preso ao queixo por um cordão), a fotógrafa mergulhou a cabeça no pano preto e emergiu depois de um momento. ‘Vocês não poderiam arranjar uns caixotes para os da segunda fila ficarem mais altos?’”. (SONTAG, Susan. Na América. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 234).

Introdução

A Análise Documentária de imagens fotográficas deve abarcar regras e conceitos que resultem num exercício adequado de documentação e que representem, ao mesmo tempo, uma segurança quanto à recuperação de suas informações por parte dos usuários de um acervo fotográfico.

Há um contexto específico da Análise Documentária de Fotografias ao qual queremos atrelar este conjunto de observações que é a Dimensão Expressiva da imagem fotográfica¹. Os questionamentos de que partimos são: através de que operações detectamos a Dimensão Expressiva de uma fotografia? Em que medida a Dimensão Expressiva é parte da Análise Documentária de Imagens Fotográficas? De que forma ela é inserida na Análise Documentária de Imagens Fotográficas?

Apresentamos, também, aproximações relativas ao conteúdo genérico, ao conteúdo específico e ao significado das imagens fotográficas. Nesta perspectiva, e de maneira mais conclusiva, propomos perguntar como estes conteúdos e este significado se manifestam de modo a recuperar imagens integrando a Dimensão Expressiva das fotografias.

Levantaremos informações referentes às metodologias de tratamento de documentação fotográfica já existentes para poder aproveitar o que elas têm de melhor; aqui se incluem as análises de Shatford (1986): DE Genérico, DE Específico e SOBRE², e a concepção de Dimensão Expressiva de Smit (1996 e 1997).

1 O conceito de Dimensão Expressiva pode ser encontrado em Lacerda (1993) e em Smit (1996 e 1997). Ele será desenvolvido em parte específica deste artigo.

2 Uma imagem pode ser genericamente DE alguma coisa, especificamente DE alguma coisa e SOBRE alguma coisa, como veremos.

Descrever uma imagem fotográfica³ e dela extrair significados lingüísticos pode parecer tarefa simples ou destituída de regras. Entretanto, por mais que estas façam parte da bibliografia⁴, há uma série de dificuldades em definir parâmetros para a extração de unidades de indexação (descritores ou palavras-chave).

“A descrição de uma imagem nunca é completa” (Smit, 1989, p. 102), pois, por mais que se privilegie um detalhamento minucioso na tentativa de dizer verbalmente o que se vê na imagem, sempre haverá algo a se perguntar sobre ela, algo que a pessoa que descreve desconhece, esqueceu ou que lhe passou despercebido.

Os principais problemas que se pode apontar são: em primeiro lugar, há questionamentos com relação a como escolher as unidades, os elementos de representação; em segundo lugar, é preciso definir os parâmetros que relacionem tais unidades, tais elementos, para garantir a consistência na transposição do imagético para o escrito.

A Ciência da Informação, além de fornecer o contexto geral da discussão, abarcará idéias desenvolvidas nos textos de Shatford (1984, 1986), Shatford Layne (1994) e Smit (1989, 1996 e 1997) sobre indexação de imagens.

Com relação à Análise Documentária (processo, produto, instrumento), vamos nos ater aos aspectos do processo da Análise Documentária de Fotografias. O que nos interessa é a elaboração de representações documentárias (resumo, indexação) de imagens fotográficas.

Com relação à Dimensão Expressiva da Imagem Fotográfica, sua conceituação, sua definição e sua localização serão desenvolvidas em parte específica deste artigo.

Texto, Lingüística e Imagem Fotográfica

De forma semelhante ao que ocorre com o texto escrito, os termos verbais, lingüísticos, empregados para indexar uma imagem fotográfica estão também sob a ação das regras da polissemia, da homonímia e da antonímia; por isso são adotados os vocabulários controlados. Quais seriam as diferenças entre indexar um texto escrito e uma fotografia? Talvez nenhuma se partirmos do resumo escrito da imagem fotográfica para levantar os termos de indexação (como preferem alguns acervos). E certamente há diferenças entre a elaboração do resumo de um texto e o resumo de uma imagem.

Apesar de partirmos da fotografia na Análise Documentária de Imagens, logo chegamos

3 Para maiores detalhes sobre a descrição da imagem fotográfica, ver Marin (1970) e Smit (1994).

4 Shatford (1984 e 1986), Smit (1989) e Shatford Layne (1994).

ao texto (resumo e termos de indexação). A operação de leitura imagética ocorre, então, no primeiro plano, sendo o restante do processo da ordem do texto escrito, presidido, então, pela Lingüística e por suas regras.

A Lingüística está restrita à linguagem articulada e as questões da imagem fotográfica requerem um outro viés de análise. Sob este aspecto, a Dimensão Expressiva da Imagem parece-nos uma opção promissora.

Análise Documentária de Imagens Fotográficas

Smit (1996) chama a atenção para o fato de que os procedimentos aplicados à Análise Documentária de documentos escritos não podem ser meramente transpostos para a Análise Documentária de Fotografias pelo simples fato do estatuto da imagem fotográfica ser diferente do texto escrito e que, além do conteúdo informacional, a Dimensão Expressiva da fotografia deve ser considerada.

Dimensão Expressiva é a parte da imagem fotográfica dada pela técnica: é a aparência física através da qual a fotografia expressa seu conteúdo informacional, é a extensão significativa da fotografia manifesta pela forma como a imagem se apresenta (revelada pela técnica)⁵.

A operação da Análise Documentária de Documentos Fotográficos também deve ser pensada em termos da representação escrita e da posterior recuperação da informação imagética por parte do usuário.

A Análise Documentária de Imagens tem os nomes de Shatford (1984 e 1986), Smit (1989, 1996 e 1997), Leung (1992) e Shatford Layne (1994) como os principais pontos de referência e reflexão.

Em 1984, Shatford apresenta conceitos relacionados à descrição específica de imagens e as diferenças com relação a outros documentos e propõe o desenvolvimento de uma base teórica relacionada à imagem justamente para fornecer aos usuários os seus meios de avaliação, adaptação e aplicação.

Shatford (1986) traz a proposta de identificação e classificação das temáticas que uma imagem pode conter através da utilização de princípios previamente estabelecidos: traz as

⁵ Ver, adiante, mais detalhes sobre a Dimensão Expressiva.

idéias do *DE Genérico*, *DE Específico* e *SOBRE*⁶, além das proposições *Quem*, *O que*, *Onde*, *Como* e *Quando*⁷.

Já no texto de 1994, Sara Shatford Layne aborda o assunto da indexação de imagens, enfocando o fato de que ela deve ser feita com a finalidade de preparar o acesso às imagens baseado nos atributos das mesmas. Tal acesso deve ser dado a imagens isoladas e também a grupos de imagens.

Os atributos aos quais ela se refere são divididos nas seguintes categorias: biográficos, de assunto, de exemplo e de relação. No que diz respeito aos grupos de imagens será necessário verificar quando eles ocorrem, em que são baseados, qual o nível de detalhamento dos agrupamentos que será necessário e qual a utilidade dos mesmos.

A leitura do profissional da informação prepara a leitura do usuário. Tal preparação envolve, ainda, a elaboração de um resumo e a indexação (esta forma de representar o conteúdo de um documento que, algumas vezes, parte da própria imagem fotográfica e, outras vezes, do resumo que se faz da mesma).

A fotografia é uma manifestação visual. Nela sempre há um foco central, uma razão de ser que motivou aquela tomada fotográfica. Há que se considerar, contudo, que este motivo central está cercado de informações que a ele se entrelaçam de diversas maneiras. Pode ser importante saber, por exemplo, que prédio é aquele ao fundo de uma fotografia de corpo inteiro de determinada personalidade. E algumas vezes é também importante considerar o extra-campo: o que girava em torno deste recorte espaço-temporal que se transformou em fotografia?

A tradução é a própria escolha do termo de indexação, a definição da marca de transposição do visual para o verbal. A importância do profissional da informação está em que ele deve ter um conhecimento mínimo sobre o conteúdo do documento que está analisando, bem como conhecer os interesses dos usuários e a política do acervo e ter acesso aos mecanismos de controle de vocabulário.

⁶ Uma leitura genérica e específica DE que é a imagem e SOBRE o que é a imagem, como veremos mais adiante.

⁷ Perguntas gerais relativas ao que aparece na imagem.

Resumo e Indexação

Quando se resume uma fotografia, não apenas se reduz o seu texto imagético em termos da unidade de conteúdo que ela representa, mas se escolhe8 uma entre várias possibilidades de leitura que uma imagem permite (por causa da polissemia).

Já o levantamento de termos para indexação – que é igualmente a transposição do visual para o verbal – pode ser feito a partir da própria fotografia (visual) ou do resumo (verbal) que se faça da mesma – ou, ainda, da legenda que, porventura, acompanhe a imagem. Resta perguntar o que preside esta decisão. Há diferenças entre uma e outra operação? É hábito, nos acervos, usar uma ou outra fonte de termos, sendo que parte das instituições se utiliza tanto da imagem quanto de seu resumo para proceder à indexação.

O processo de elaboração de resumos de imagens fotográficas e de levantamento de termos para indexação (esta forma de expressar o conteúdo de um documento e que será, para nós, mais importante que a primeira) estão na base de nossas preocupações, pois é neste momento que o profissional da informação realiza a tarefa mais importante em termos de análise de conteúdo: é a hora de reunir as palavras que farão com que o usuário se interesse – ou não – pelo documento. Como escolher estes conceitos que serão, de fato, uma ponte entre o usuário e a fotografia? Como escolher conceitos que representem a Dimensão Expressiva da imagem? Como aparecerão, na pesquisa, na recepção, estes termos?

É provável que, com o tempo, o resumo de uma fotografia seja elemento dispensável ao pesquisador, já que os bancos de imagens digitais podem trazer a própria imagem para o usuário (acompanhada, geralmente, de uma legenda, que é diferente de resumo). Ele já não precisará do resumo para decidir se quer ver ou não determinada fotografia. Talvez ele queira, num segundo momento da pesquisa, ver o resumo para contextualizar a imagem e definir sua escolha.

Dimensão Expressiva

No texto *Propostas para a indexação de informação iconográfica*, Smit (1997) menciona as instituições coletoras de cultura enquanto depositárias de documentos fotográficos. No caso das Bibliotecas, o tratamento unitário empregado com os livros dificilmente se encaixaria às

8 Quando Smit (1996) propõe trabalhar o nível pré-iconográfico (DE Genérico) e, com maiores cuidados, o iconográfico (DE Específico), é porque a escolha é objetivada e a descrição permanece próxima da imagem.

fotografias. Nos Arquivos, o tratamento das séries documentais leva à análise da função dos documentos; contudo, o documento fotográfico tem uma função e também um conteúdo informacional. O conteúdo informacional, muitas vezes, sobrepõe-se à função⁹. Nos Museus, as fotografias são tratadas como objeto, um objeto informativo. A fotografia tem, contudo, a sua lógica, que pode ser justaposta à lógica de cada tipo de instituição.

Segundo Smit, a lógica da fotografia está em que ela manifesta um conteúdo informacional; tal conteúdo foi obtido com a concorrência de uma série de intenções. O documento resultante do processo pode ser tratado e recuperado, independente do tipo de instituição que o estoca.

Neste sentido, há um questionamento importante (Smit, 1997, p. 2):

“por que a bibliografia da área da informação preconiza o tratamento da fotografia exclusivamente pelo que esta mostra, ou seja, pelo seu conteúdo informacional (...) desprezando sua Dimensão Expressiva?”

Nossa experiência com usuários de fotografias demonstra que a eles interessam tanto o objeto fotografado quanto a Dimensão Expressiva da imagem¹⁰.

E Smit categoriza três parâmetros de análise:

- o que a fotografia mostra (o conteúdo informacional);
- como a fotografia mostra (a forma usada para mostrar tal conteúdo: a Dimensão Expressiva);
- onde a fotografia mostra (o documento fotográfico enquanto objeto físico).

A Dimensão Expressiva de uma fotografia é algo ligado à forma da imagem – que se encontra em justaposição ao seu conteúdo informacional. Os métodos tradicionais de indexação de imagens preocupam-se com a recuperação baseada no conteúdo. Há a necessidade, entretanto, de se considerar também a recuperação da informação visual baseada na forma.

“(...) a fotografia apresenta esses dois aspectos: imagem e objeto. Acrescentaríamos ainda um outro, estreitamente relacionado à imagem, e que diz respeito à sua expressão. Essa expressão seria a forma como uma imagem é mostrada, estando ligada a uma linguagem que lhe é própria e que envolve a técnica específica empregada, a angulação, o enquadramento, a luminosidade, o tempo de exposição, entre outros. Essas três dimensões do registro fotográfico –

⁹ Smit, no trabalho *A perspectiva interdisciplinar da informação no contexto da Ciência da Informação*, apresentado no XII Congresso Brasileiro de Arquivologia, em João Pessoa, em 1998, trata deste assunto.

¹⁰ O estudo de Armitage e Enser (1997), por sua vez, demonstra a atenção focalizada no conteúdo da imagem, ainda que modalizada pela forma.

conteúdo, expressão e forma – é que constróem, em última instância, a mensagem que informa.” (Lacerda, 1993, p. 47)

Johanna W. Smit vem apontando para o conceito de Dimensão Expressiva desde seu texto “A análise da imagem: um primeiro plano” (Smit, 1989), onde fala de “informações técnicas”; passando também por ele em “Novas tecnologias e bancos de imagens” (Smit, 1994) e no artigo “A representação da imagem” (Smit, 1996), no qual se encontra a seguinte definição de expressão fotográfica (que preferimos chamar de Dimensão Expressiva): “forma adotada para expressar o que se quer transmitir pela imagem” (Smit, 1996, p. 34); até chegar ao texto “Propostas para a indexação de informação iconográfica” (Smit, 1997), onde incorpora a Dimensão Expressiva à Análise Documentária de Fotografias.

A importância de considerar a Dimensão Expressiva na Análise Documentária de Imagens está no fato de que o ponto decisivo de escolha de uma fotografia (a partir de um conjunto de imagens recuperadas num sistema de recuperação de informações visuais) pode estar justamente na forma como a mensagem imagética foi construída para transmitir determinado conteúdo informacional.

Em outras palavras, o sistema oferece um sem-número de fotografias com determinado conteúdo informacional e o que vai presidir a escolha de uma ou mais fotografia(s) pelo usuário é a sua Dimensão Expressiva.

O que constrói ou dá vida à Dimensão Expressiva é a técnica fotográfica utilizada na produção da fotografia: aqui temos um caso evidente de produção interferindo na recepção. Um exemplo seria a fotografia de um líder tomada de baixo para cima; o resultado ofereceria toda uma imponência, uma sensação mesmo de liderança e de poder do personagem visto como alguém maior, engrandecido.

O contraponto também é verdadeiro: uma massa de operários fotografada de cima para baixo; a noção de pequenez de cada indivíduo e, ao mesmo tempo, o coletivo dando a idéia de massa estariam acomodados na imagem, passariam a idéia de união e da obrigação de ter que reivindicar, de ter que pedir ou exigir sempre estando em grupo. Outro exemplo: o *close*, que pode dar dramaticidade ou suscitar emoções variadas: posição da câmera = técnica = Dimensão Expressiva.

Em termos de composição de uma imagem fotográfica, é necessário observar os lados da fotografia; a divisão do espaço segundo os elementos que o compõem; a relação de quantidade de elementos presentes no lado esquerdo e no lado direito, a parte de cima e a parte de baixo; o peso entre claros e escuros ou cores fortes e cores claras; o uso do retângulo que contém a fotografia (formato mais usual) no sentido horizontal ou no sentido vertical; a

importância (ou não) daquilo que ocupa o centro da imagem; a textura da mesma; a presença de elementos que componham/ construam linhas geométricas; grande contraste entre claro e escuro; o excesso ou a falta de iluminação; o que está no foco e o que está desfocado; isso tudo e muito mais é composição, e muito importante na leitura de uma fotografia.

A composição interfere na expressão da fotografia, pois através dela construímos naturezas mortas, por exemplo. Da mesma forma, a lente é importante para o retrato e para a paisagem. Não é, entretanto, somente através destas técnicas que se obtêm estes efeitos, assim como estes e outros efeitos não são obtidos exclusivamente através destas técnicas.

O equipamento também interfere na expressão: uma lente grande-angular pode dar uma sensação de deformação à imagem; uma teleobjetiva oferece pouca profundidade de campo. Da mesma maneira, o formato do filme utilizado – 35 mm (usado comercialmente), 6 X 6 cm, 3 X 4 cm (fotografias de documentos) – participa desta construção. Há uma interferência formal: muito da técnica concorre para que o conteúdo informacional aconteça.

Uma tabela de categorias e suas variáveis para a análise da imagem a partir de como a fotografia expressa seu conteúdo informacional, sugerida por Smit (1997), está reproduzida a seguir:

Categoria	Variáveis
Imagem	“retrato”, “paisagem” fotomontagem efeitos especiais (estroboscopia, alto-contraste, etc.)
Ótica	utilização de objetivas (<i>fish-eye</i> , grande-angular, teleobjetiva, etc.) utilização de filtros (infravermelho, ultra-violeta, etc.)
tempo de exposição	instantâneo, pose, longa exposição
luminosidade	luz diurna, noturna, contraluz
enquadramento e posição de câmera	enquadramento do objeto fotografado (vista parcial, geral, etc.) enquadramento de seres vivos (plano geral, médio, americano, <i>close</i> , detalhe, etc.) posição da câmara (câmara alta, câmara baixa, vista aérea, submarina, subterrânea, de microscópio eletrônico, etc.)

(Smit, 1997, p. 6)

A tabela a seguir, baseada na anterior, traz algumas sugestões de alteração. Esta nova tabela dará origem, por sua vez, à inserção da Dimensão Expressiva na grade de Análise

Documentária de Imagens Fotográficas¹¹.

RECURSOS TÉCNICOS	VARIÁVEIS
Efeitos Especiais	<ul style="list-style-type: none"> - fotomontagem - estroboscopia - alto-contraste - trucagens - esfumação
Ótica	<ul style="list-style-type: none"> - utilização de objetivas (<i>fish-eye</i>, lente normal, grande-angular, teleobjetiva, etc.) - utilização de filtros (infravermelho, ultravioleta, etc.)
Tempo de Exposição	<ul style="list-style-type: none"> - instantâneo - pose - longa exposição
Luminosidade	<ul style="list-style-type: none"> - luz diurna - luz noturna - contraluz - luz artificial
Enquadramen	<ul style="list-style-type: none"> - enquadramento do objeto fotografado (vista parcial, vista geral, etc.) - enquadramento de seres vivos (plano geral, médio, americano, <i>close</i>, detalhe)
Posição de Câmera	<ul style="list-style-type: none"> - câmara alta - câmara baixa - vista aérea - vista submarina - vista subterrânea - microfotografia eletrônica - distância focal (fotógrafo/objeto)
Composição	<ul style="list-style-type: none"> - retrato - paisagem - natureza morta

¹¹ Conforme veremos.

Profundidade de Campo	<ul style="list-style-type: none"> - com profundidade: todos os campos fotográficos nítidos (diafragma mais fechado) - sem profundidade: o campo de fundo sem nitidez (diafragma mais aberto)
-----------------------	---

Esta tabela, além de não ser exaustiva ou completa nos seus propósitos, está aberta às conseqüências e resultados das transformações tecnológicas, como a fotografia digital e suas peculiaridades. Certamente outros estudiosos da fotografia sempre terão uma sugestão para alterar uma ou outra de suas colunas. O que de objetivo queremos aproveitar dela é a forma como irá alimentar a grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas. A proposta inicial é que o profissional da informação observe, na fotografia, os elementos da primeira coluna e identifique quais variáveis da segunda coluna aparecem como técnica ou característica formal da fotografia. Em seguida, pode-se nomear o que estas técnicas fazem a fotografia expressar. Antes disso será útil avaliar questões referentes à leitura de imagens.

Leitura de Imagens

O que deve aparecer na Análise Documentária de Imagens são informações contidas na fotografia, que aparecem na imagem efetivamente. Tais dados podem ser ratificados através de outros documentos, escritos ou iconográficos, mas a primeira informação deve partir exclusivamente da imagem que se analisa.

Pode-se tentar ler uma imagem através do ponto de vista do fotógrafo, definindo enquadramento, atentando para a composição, observando o ângulo escolhido. O fotógrafo, ao produzir uma imagem, está construindo significados, está dando origem à Dimensão Expressiva da fotografia.

Na construção de significados realizada durante a leitura de uma imagem fotográfica acreditamos ocorrer dois processos, que são a análise e a síntese, e eles se dão da seguinte maneira:

- a análise ocorre em primeiro lugar, pois a fotografia – ao contrário do texto – dá-se a ver inteira, através de uma visualização que pode durar segundos; seria uma leitura de superfície, identificando os elementos constitutivos da imagem, e que chamaremos de primeiro nível (= DE Genérico);
- a síntese vem depois, uma vez que as informações serão reunidas para que ela aconteça; tais informações são, então, de origem não só visual, mas também textual;

seria uma leitura em profundidade e que chamaremos de segundo nível, nomeando elementos constitutivos da imagem ou conceitos abstratos que podem ser deduzidos a partir da mesma (= DE Específico e SOBRE).

É óbvio que preconceitos, crenças, costumes e opiniões pessoais devem ser evitados na leitura de quaisquer documentos. No caso de fotografias, isto parece agravar-se à medida que elas podem fazer brotar um sem-número de interpretações e de outras imagens na tela mental de quem as lê, fazendo com que a polissemia da imagem real dê vazão a uma polissemia de imagens só existentes no imaginário do leitor. O texto pode produzir este mesmo efeito, mas de modo menos intenso.

Na ação dos leitores de fotografias, o profissional da informação lê para o usuário. O usuário lê diferente, pois enquadra a imagem numa outra perspectiva (a saber, sua necessidade informacional daquele momento). O papel do profissional da informação é mesmo dar acesso à informação através de uma organização: mediar.

O objetivo das duas leituras é diferente: o objetivo da leitura do profissional da informação é tornar o conteúdo do documento acessível, é socializar este documento; a leitura do usuário é guiada por objetivos individuais (de pesquisa, ilustração, etc.).

A leitura do usuário (cientista social, historiador ou antropólogo, entre outros¹²), quando se utiliza da fotografia como ilustração ou objeto de análise, será feita sobre algo previamente interpretado pelo autor, pelo fotógrafo, ou seja, o usuário efetuará a sua leitura de uma imagem que é, por sua vez, a leitura (ou escrita...) que um fotógrafo fez de um dado acontecimento ou pessoa.

Portanto, interessa-nos tanto a recepção da imagem (para o usuário, ponto principal e final do processo de Análise Documentária) quanto sua produção, já que a Dimensão Expressiva é dada pela forma, pela técnica de construção da imagem (desde que apareça na recepção). A produção enquanto fenômeno de recepção determina o eixo de reflexão da Análise Documentária de Imagens.

A imagem é polissêmica por definição: o que escolher? Sob uma perspectiva arquivística, o conjunto maior em que esteja contida a fotografia é o primeiro – senão o único – indicador de qual rumo se deve tomar¹³.

A polissemia da imagem fotográfica aponta em várias direções e o profissional da

12 Ver, para maiores detalhes sobre pesquisa de imagens, Manini (1997b) e, para um exemplo de utilização da fotografia como objeto de pesquisa, De Paula (1998).

13 Sob o ponto de vista da Documentação, a análise do conteúdo é necessária tanto em Arquivologia como na Documentação; para esta, a questão da procedência do documento não importa (ou importa menos que na Arquivologia).

informação deve fazer uma escolha: tal escolha não é, obviamente, aleatória; ela pressupõe critérios e método para ser feita. Ao fazer a opção, o profissional da informação renuncia ao restante do leque. Outrossim, idiossincrasias, conhecimento enciclopédico e repertório entram em jogo.

É possível escolher o que há de mais importante em termos informacionais como resultado desta leitura da fotografia? Sim, pelo menos sob a ótica da Ciência da Informação; é possível selecionar o que há de mais importante no conteúdo, ainda que para isto seja necessário saber algo mais sobre o conjunto documental do qual faz parte a fotografia (para ratificar informações), a instituição a que pertence e a sua política. Por exemplo, se a imagem do prédio da Hospedaria dos Imigrantes pertencer a um acervo arquitetônico, o termo que designa seu estilo será mais pertinente à Hospedaria do que se a imagem pertencesse ao Museu da Imigração.

E, finalmente, parece ser possível representar tal conteúdo informacional para que ele possa ser utilizado documentariamente, e acreditamos que esta seja a operação que mais se assemelha ao processo descrito para textos escritos, uma vez que a fotografia, o documento “original” já foi lido e sua leitura configura uma codificação lingüística.

Análise de Imagens

A Análise Documentária de Imagens acontece através da diferenciação dos aspectos genérico/específico:

“A Análise Documentária da imagem recupera as categorias informacionais QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE, também utilizadas para a análise textual, mas adaptadas ao universo da imagem. Nesta adaptação ao universo das imagens as categorias foram delimitadas como segue:

QUEM	Identificação do ‘objeto focado’: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no espaço: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex.: São Paulo ou interior de danceteria)
QUANDO	Localização da imagem no tempo: tempo cronológico ou momento da imagem (p. ex.: junho de 1997 ou dia de verão)
COMO/ O QUE	descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao ‘objeto focado’ quando este é um ser vivo (p. ex.: cavalo correndo, criança trajando

	roupa do século XVIII)” (Smit, 1997, p. 4)
--	--

Smit apresenta uma grade de análise para representar o conteúdo informacional da imagem fotográfica reunindo as categorias informacionais (quem/o que,...) ao DE Genérico, ao DE Específico e ao SOBRE de Shatford¹⁴:

Categoria	DE		SOBRE ¹⁵
	Genérico	Específico	
Quem/O Que			
Onde			
Quando			
Como			

Responder às perguntas quem, onde, quando, o que e como será necessário para representar as informações mais importantes, mas não será o suficiente, uma vez que dados relativos à Dimensão Expressiva da imagem (Smit, 1997) não são obtidos através destas perguntas.

A técnica de produção da fotografia (que fornecerá elementos para a Dimensão Expressiva), a localização da imagem no espaço e no tempo (dados referentes ao conteúdo informacional da imagem), a descrição precisa de seres vivos (mistura de composição – que é técnica e fonte para a Dimensão Expressiva – com conteúdo informacional), as ações específicas dos seres vivos na imagem (também conteúdo informacional) e o ambiente em que se localizam os seres vivos (idem) são categorias de informações imprescindíveis na descrição, assim como a proposta de uma gramática que viabilize a leitura da informação fotográfica que passe pela observação da sua Dimensão Expressiva.

Smit (1996) propõe dois focos de leitura para a representação da imagem: o conteúdo informacional e a Dimensão Expressiva. Poderíamos dizer que o conteúdo informacional está ligado ao referente e a Dimensão Expressiva está ligada a um conjunto de fatores ligados à

14 Introduzimos uma pequena alteração: na primeira linha passam a figurar as categorias QUEM e O QUE e na última apenas a categoria COMO. Acreditamos que a pergunta O QUE está mais relacionada a um sujeito (ou substantivo); já o COMO dá uma noção de ação (expressa por verbos).

15 O SOBRE de Shatford Layne (1994) não é usado por Smit para cada categoria de perguntas feitas à imagem (quem, o que, quando, onde, como). O SOBRE é uma síntese, nomeada a partir de um ou vários conceitos abstratos e que pode ser deduzida a partir de vários componentes da imagem, distribuídos por diferentes categorias informacionais.

técnica, como composição, enquadramento, entre outros, ou seja, sua dimensão imagética.

A leitura da fotografia com fins documentários deve levar em conta o fato da imagem conter informações que serão tratadas através de procedimentos de representação (elaboração de resumo e levantamento de termos para indexação) visando à posterior recuperação. O objetivo da Análise Documentária é elaborar representações condensadas daquilo que aparece em determinado documento e expressar o seu conteúdo de forma a facilitar a recuperação de suas informações.

Acreditamos que as informações referentes à Dimensão Expressiva da imagem podem ser conseguidas observando o posicionamento da câmera no momento da tomada, os elementos que compõem a imagem, o enquadramento aplicado na hora do clique, etc.

A nossa proposta de grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas acrescenta a questão da técnica dando origem à Dimensão Expressiva:

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE		
Categoria	Genérico	Específico	
Quem/O Que			
Onde			
Quando			
Como			

A coluna da Dimensão Expressiva será preenchida segundo dados observáveis na tabela de Recursos Técnicos e Variáveis (p. 91-92).

O que vamos fazer nesta parte é sistematizar todas as idéias colocadas no decorrer deste capítulo, no sentido de propor uma série de perguntas e uma grade de análise à fotografia, com vistas à indexação através de palavras-chave.

As fotografias serão submetidas aos seguintes procedimentos:

- à série de perguntas *quem/o que, onde, quando e como*;
- à grade de Smit (1997, p. 5) – que é o cruzamento das perguntas acima com o DE Genérico, o DE Específico e o SOBRE de Shatford (1986) – somada à grade de análise proposta por nós, que contempla a Dimensão Expressiva.

Vamos experimentar um exemplo:



Guga e o beijo da conquista em Indianápolis.
<http://www.terra.com.br/esportes/>, 21/8/2000.

Categorias informacionais:

- quem/o que → Guga;
- onde → Indianápolis, EUA;
- quando → 20/8/2000;
- como → beijando troféu.

A grade de Smit (1997):

		DE			
Categoria	Genérico	Específico	SOBRE		
Quem/O Que	Homem jovem	Guga	Vitória		
Onde		Indianápolis (Estados Unidos)			
Quando		20/8/2000			
Como		Beijando troféu de campeão do torneio de tênis de Indianápolis.			

A nossa grade:

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE		
Categoria	Genérico	Específico	- Pose - Retrato
Quem/O Que			
Onde			
Quando			
Como			

As palavras-chave, a partir das duas grades: Guga, Indianápolis (Estados Unidos), Vitória, Tênis, Retrato, Pose.

Esperamos que esta nova grade traga melhorias para a Análise Documentária de Imagens Fotográficas na medida em que forneça não só dados sobre o conteúdo informacional, mas também dados formais onde a técnica concorre para o “evidenciamento” da Dimensão Expressiva da Fotografia.

Vamos a outro exemplo:



Primavera.

<http://www.pdn-pix.com/legends3/michals/15.html>, 30/10/2001.

Resposta às perguntas:

- quem/o que → homem jovem;
- onde → ?;
- quando → antes de 30/10/2001;
- como → flores saem da boca do homem, que parece estar anunciando a chegada da primavera (informação da legenda).

Grade:

	Conteúdo Informacional		Dimensão Expressiva
	DE	SOBRE	
Categoria	Genérico	Específico	Primavera - Retrato - Pose - Fotomontagem - <i>Close</i>
Quem/O Que	Homem jovem		
Onde			
Quando		Antes de 30/10/2001	
Como		Flores saem da boca do homem	

Palavras-chave: Flor, Homem. Informações de legenda: Primavera. Termos relacionados à Dimensão Expressiva: Retrato, Pose, *Close*, Fotomontagem.

A chave, então, destas questões, é a proposta de incrementar as perguntas a serem feitas à imagem fotográfica além do *quem*, *o que*, *quando*, *onde* e *como* e DE que ela é genericamente, DE que ela é especificamente e SOBRE o que é a imagem. Trata-se de perguntar como é que a imagem é expressa.

Se, para respondermos *quem*, *o que*, *quando*, *onde* e *como* com relação àquilo DE que uma fotografia trata genericamente realizamos uma descrição da imagem; e se, para responder *quem*, *o que*, *quando*, *onde* e *como* com relação àquilo DE que uma fotografia trata especificamente fazemos uma análise da imagem; então, para responder SOBRE o que é uma fotografia fazemos uma análise de seu significado; e para responder como a imagem expressa sua informação fazemos perguntas mais relacionadas à técnica de produção da fotografia.

Conclusão

Sob alguns aspectos, a informação – tão dinâmica, veloz e capaz de atravessar espaço e tempo de maneira às vezes admirável – é algo inerte, no sentido de que quem a recebe pode não fazer coisa alguma com ela. Os indivíduos podem deixar de transformar a informação em conhecimento, de lhe descobrir o sentido e o significado, relegando-a à simples categoria de dado.

A informação que nos interessou analisar no âmbito deste trabalho é aquela que já tenha sido registrada, ou seja, para nós é importante a informação documentada e os processos de organização da mesma (a Documentação).

Mais que isto, tal informação – registrada em algum suporte – deve fazer parte do acervo de alguma instituição, que a coletou segundo um consenso a respeito da utilidade desta informação, que deverá, então, ser conservada num suporte e ter seu conteúdo informacional – e sua Dimensão Expressiva – tratado, disponibilizado e difundido.

Entretanto, não é no emissor e na mensagem que se completam os objetivos da Ciência da Informação, que são organizar, comunicar e dar a conhecer a informação. Cabe ao receptor transformar a informação em conhecimento e estar imbuído de uma certa disposição epistemológica e, assim, potencialmente, gerar outras informações.

Estas qualidades do receptor, usuário de instituições coletoras de informação, são igualmente importantes e necessárias na compreensão da descrição e da representação que se faz dos documentos no processo de documentação da informação, de suas regras e procedimentos.

Todo este caminho que a informação percorre deve ter em paralelo uma outra pista: a contextualização do conteúdo do documento, sem o que a informação não terá ou perderá sentido. O contexto aciona toda uma rede semântica que vai conectar outros fios em sua malha para produzir mais alcance do conhecimento assim obtido.

O aporte da Lingüística a todas estas questões sobre Análise Documentária de textos e de fotografias é indiscutível. Contudo, a Lingüística está restrita à linguagem articulada, e as questões do signo fotográfico e da expressão do conteúdo das imagens fotográficas requerem um outro viés de análise. A Dimensão Expressiva da imagem fotográfica apareceu como uma opção promissora.

A Análise Documentária de Imagens Fotográficas tem como grande finalidade facilitar o acesso não a um maior número de imagens, mas às imagens que melhor atendam às necessidades do usuário.

Certamente não é 100% dos profissionais da informação que têm consciência de que os problemas da Análise Documentária de Fotografias são específicos. As necessidades específicas que surgem durante o diálogo entre um banco de imagens e o profissional da informação não são atendidas simplesmente pela resposta que um oferece ao outro. Uma reflexão mais geral e anterior sobre este momento se faz necessária.

Esta é uma abordagem da polissemia da imagem e da dificuldade de escolha do grau de atenção que se pode aplicar a um detalhe ou outro de uma imagem que se apresenta para análise. Qualquer detalhe que se privilegie terá uma série de seus pares preteridos, já que qualquer indexação é seleção.

Talvez a Análise Documentária de Imagens Fotográficas não necessite de uma revisão e

de reformulações tão profundas nos seus métodos e técnicas – como imaginávamos ao iniciar este trabalho – mas o contato com os acervos e com os profissionais da informação nos faz pensar que é preciso transformar o modo de uso que se faz, atualmente, no Brasil, das técnicas existentes e/ou conhecidas.

Fica evidenciado, no contato com as instituições brasileiras, que os acervos fotográficos necessitam adotar, esclarecer ou reformular métodos de Análise Documentária de Fotografias.

E, indo ao encontro da adoção, do esclarecimento e da reformulação acima mencionados, temos a impressão que a saída pela análise da Dimensão Expressiva da imagem foi prolífica.

Foram apresentadas várias etapas e algumas possibilidades de análise de fotografias – sejam estas pertencentes a qualquer tipo de acervo – aproveitando os métodos e técnicas de Análise Documentária já consagrados aos textos, bem como a fundamental colaboração de Sara Shatford Layne sobre indexação de imagens.

Ao conseguir avançar nestas direções e introduzir a perspectiva da Dimensão Expressiva das imagens na Análise Documentária de Fotografias, possibilitamos um levantamento de palavras-chave que se coaduna melhor aos anseios dos usuários de imagens.

O modelo de Smit (1996), segundo o qual Imagem = Conteúdo Informacional + Dimensão Expressiva foi o ponto de chegada de nossas análises e permitiu completar todo o ideário de Shatford Layne relativo à afirmação de que toda imagem pode ser genericamente DE alguma coisa, especificamente DE alguma coisa e SOBRE alguma coisa.

O que a fotografia expressa e como ela expressa o que quer que seja é o ponto crucial de nossa proposta: a resposta a estas perguntas, quando transformada em palavras-chave, é o principal diferencial que o usuário busca (até sem saber, por vezes) na pesquisa de fotografias. E depois da recepção da imagem na recuperação dentro de um sistema, o que norteia a escolha final é justamente a Dimensão Expressiva fotográfica. O conteúdo informacional está para a busca/recuperação/ recepção (uso que se faz da imagem) assim como a Dimensão Expressiva da fotografia está para a escolha final do usuário (critério de escolha da imagem).

Ou seja: a Dimensão Expressiva vem se justapor ao conteúdo informacional, geralmente funcionando como um filtro na busca de imagens. Dificilmente alguém busca uma imagem porque esteja enquadrada em plano americano, por exemplo, mas busca a imagem de Fulano em plano americano (e, portanto, não a imagem de Fulano em *close*...).

As metodologias de análise conhecidas – notadamente a importante contribuição de Shatford Layne – abordam a faceta o que a fotografia mostra. Entretanto, queremos crer que o usuário de acervos fotográficos não se concentra apenas naquilo que a fotografia traz como

conteúdo, mas na maneira como este conteúdo é expresso, como ele aparece enquanto registro imagético.

Podemos, por exemplo, através do termo *miséria infantil* encontrar um conjunto de fotografias. Entretanto, como escolher a fotografia que, para nós, enquanto usuários, melhor expressa o conteúdo *miséria infantil*? Serão observados elementos da imagem que nada mais são que sua Dimensão Expressiva (tais como vestimenta, magreza, sujeira, olhar, etc.). Conseguimos, enquanto usuários, várias fotografias de *miséria infantil*, mas apenas uma delas deve ser escolhida. O que vai presidir a decisão?

Podemos partir de uma análise da técnica e buscar o melhor enquadramento, aquele que centralizou a criança no retângulo do negativo. E se, contudo, o olhar do menino daquela outra fotografia tiver mais “fome”, ainda que ele esteja quase no extra-campo fotográfico? E se a crueza daquele olhar estiver acentuado por uma incidência de luz natural proveniente do lado oposto da imagem e isto for decisivo para a escolha final?

Rodríguez (1998), no artigo *Sobre a iconoteca inteligente*, discute o fato de um sistema incorporar algumas decisões do usuário como critério de indexação¹⁶. Aquele que organiza um acervo tem a difícil tarefa de antecipar algumas questões que serão feitas ao sistema, ou seja, fazer com que os critérios para escolha da imagem pelo usuário possam ser abstraídos num sistema de organização e indexação. Rodríguez fala da inserção de uma resposta aleatória na lista de resultados que o sistema devolve, para que, caso uma dessas respostas “sem critério” seja aceita pelo usuário, o sistema possa “aprender” uma nova associação, inscrevendo-se numa tendência muito atual da Ciência da Informação, ao propor sistemas de recuperação da informação “inteligentes”.

Há inconvenientes que um sistema deste tipo acarretaria. Um deles: esta indiscutível flexibilidade e versatilidade do sistema logo poderá fazer com que uma gama grande de termos remeta a uma gama infinita de imagens, fazendo com que o sistema de recuperação de informações perca uma de suas principais utilidades: ser pontual e preciso naquilo que oferece ao usuário. De um extremo a outro talvez tenhamos passado, sem notar, pelo meio-termo, ao qual, então, devemos buscar.

¹⁶ A Inteligência Artificial mantém uma forte interface com as pesquisas sobre recuperação da informação, quando esta é mediada pela tecnologia (ver Cunha e Kobashi, 1991). Rodríguez trouxe para as iconotecas a discussão da Inteligência Artificial, que ainda não apresenta muitos resultados práticos, mas que tem trabalhado no sentido de minorar muitos dos problemas aqui apontados.

Referências Bibliográficas

- ARMITAGE, L. H., ENSER, P. G. B. Analysis of user need in image archives. Journal of Information Science, v. 23, n. 4, p. 287-299, 1997.
- CUNHA, Isabel M. R. F., KOBASHI, Nair Y. Análise documentária e inteligência artificial. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 24, n. 1/4, p. 38-62, 1991.
- DE PAULA, Jeziel. 1932: imagens construindo a história. Campinas: UNICAMP/Piracicaba: UNIMEP, 1998. (Tempo e Memória, 7).
- LACERDA, Aline L. Os sentidos da imagem: fotografias em arquivos pessoais. Acervo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 41-54, jan./dez. 1993.
- LEUNG, C. H. C., HIBLER, D., MWARA, N. Picture retrieval by content description. Journal of Information Science, n. 18, p. 111-119, 1992.
- MANINI, Miriam P. Análise documentária de imagens: a fotografia e seus textos. Campinas, 1997. Trabalho apresentado ao III Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 1997a, Rio de Janeiro.
- MANINI, Miriam P. Os usos da iconografia no ensino e na pesquisa: o acervo multimeios do Arquivo Edgard Leuenroth. Cadernos AEL, Campinas: AEL/IFCH, n. 5/6, p. 221-244, 1997b.
- MANINI, Miriam P. *Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários*. São Paulo, 2002. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP.
- MARIN, Louis. La description de l'image: à propos d'un paysage de Poussin. Communications, Paris, n. 15, p. 186-206, 1970.
- RODRÍGUEZ, Vicen. Sobre a iconoteca inteligente. In: SAMAIN, Etienne G. (org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 347-357. (Linguagem e Cultura, 29).
- SHATFORD, Sara. Describing a picture: a thowsand words are seldom cost effective. Cataloging and Classification Quarterly, New York, v. 4, n. 4, p. 13-29, 1984.
- SHATFORD, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. Cataloging and Classification Quarterly, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.
- SHATFORD LAYNE, Sara. Some issues in the indexing of images. Journal of the American Society for Information Science, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.
- SMIT, Johanna W. Análise documentária: a análise da síntese. 2ª edição. Brasília: IBICT, 1989. A análise da imagem: um primeiro plano, p. 101-113.
- SMIT, Johanna W. Novas tecnologias e bancos de imagens. XII Encontro Regional de História –

ANPUH, Campinas, 05 a 07/09/1994.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. Informare, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SMIT, Johanna W. Propostas para a indexação de informação iconográfica, 1997. (Mimeo).